

Angra dos Reis – Agosto 2013

Depois da viagem a Londres, Lisboa, Praga e Genebra, esta seria a primeira travessia marítima que eu iria participar. Como o pessoal do grupo Maratonas Aquáticas tinha conseguido fazer um acordo com a FARJ (Federação Estadual de Esportes Aquáticos), depois de uma longa negociação, a prova de Angra dos Reis, numa distância de 2.500 metros, iria agora fazer parte do circuito estadual. A primeira prova tinha sido no lago da Fazenda Boa Vida em Teresópolis, em fevereiro, e finalmente agora tínhamos a segunda etapa do estadual. Eu achava que a minha parada no final de julho e início de agosto, não iria influenciar no meu rendimento técnico, mas eu mesmo provei a mim que isso não era verdade.

Partimos para Angra dos Reis no sábado de manhã, pois a entrega dos kits da travessia seria na parte da tarde. Quem mora em Niterói sabe bem sobre o que eu estou falando, mas o trânsito por aqui é muito complicado, principalmente no sábado, quando todos resolvem ir fazer compras de carro. Surgem então milhares de motoristas de fim de semana, que são acrescentados aos outros milhares que já tumultuam as ruas da nossa querida cidade. Quando, após uma hora, engarrafados em diversos pontos de Niterói, conseguimos finalmente alcançar a ponte.

- Sinal de trânsito agora só em Angra – comentou Sandrinha, minha esposa.

O problema é que ao longo da Avenida Brasil, inúmeros motoristas de fim de semana, com os seus carros velhos, surgiam de diversos locais, tornando também um tormento, percorrer os 54 quilômetros da novelística avenida.

Quando, finalmente, entramos na rodovia Rio-Santos, em Itaguaí, eu vislumbrei um shopping na estrada e sugeri darmos uma parada para tomarmos um café e esticar as pernas antes de seguir em frente.

Enquanto eu tomava um café, Sandrinha circulava pelo shopping. Conclusão, continuamos a nossa viagem para Angra carregando uma fritadeira de ar. Uma máquina que, por exemplo, faz batatas fritas sem precisar de gordura. A enorme máquina passou a ocupar um lugar privilegiado no banco de trás, e não adiantou os meus argumentos de que poderíamos comprar a vantajosa máquina na volta.

- Na volta você não vai querer parar mais aqui – foi o seu potente argumento.

Desta forma, eu, Sandrinha e a fritadeira seguimos viagem para Angra dos Reis.

- As travessias do X-Terra é que são boas – falei quando passamos pelo Hotel Porto Belo, local de outras travessias que eu já havia feito naquele local e pensando ainda nos vários quilômetros que teria que percorrer até Angra.

- No ano que vem você pode se inscrever na travessia do hotel Porto Belo – foi o comentário a título de consolo da minha esposa.

Pelo mapa que peguei no Google o hotel Golden Tulip ficava na entrada da cidade de Angra. Como não tinha nenhuma placa tivemos alguma dificuldade para encontra-lo e foi preciso pararmos duas vezes para pegar informações. Apesar disso o hotel estava muito bem localizado, ao lado do Shopping Piratas, que na verdade, como constamos depois, era o único ponto de importância na degradada cidade de Angra dos Reis.

O hotel era muito bom, com uma pequena sala e uma cozinha. Tinha uma varanda que dava de frente para o mar, onde circulavam inúmeros iates.

- Vamos almoçar no Shopping e depois vamos pegar o kit – foi a minha sugestão.



Figura 1 - Estatuas dos três Reis Magos em Angra dos Reis

Uma caminhada de 10 ou 15 minutos nos levou até o Shopping Piratas. Encontramos um restaurante de comida a quilo que quebrou o nosso galho. Voltamos para o hotel, pegamos o carro, e fomos para a praia da Escola Naval, onde estava montada a barraca de entrega dos kits da travessia. Paramos um pouco no Centro da cidade para caminharmos e conhecermos a cidade, e isso foi o bastante para constatarmos que inúmeras favelas estavam por todo o caminho. Neste momento eu descobri que nunca

tinha entrado na cidade de Angra. Uma vez fomos a Parati, mas passamos no entorno da cidade. Na outra vez, na travessia do hotel Porto Belo, ficamos no hotel Porto Real, e fomos também almoçar em Angra e também acabamos parando no Shopping Piratas que fica na entrada da cidade. Pela primeira vez entramos em Angra e vimos o estado de degradação da cidade. A impressão que os donos dos milhares de iates circulavam por Angra era totalmente falsa, acho que eles não entram em Angra nem para comprar pão.

O prédio da Escola Naval é muito bonito e fica numa praia praticamente privativa e afastada do Centro da cidade. Além disso, na entrada da praia tem uma guarita onde militares tomam conta do acesso.

A nossa ideia era jantarmos num restaurante em Angra dos Reis, porém isso se tornou quase que impossível, pois não conseguimos pela internet localizar nenhum restaurante e acabamos jantando no restaurante do hotel que, por sinal, era muito ruim.

No dia seguinte, domingo, estava um dia muito bonito, e o mar estava calmo. No local da travessia encontramos Paulo Chocolate, Jair, Sebastião, Carlinhos, Paulo Brito, Pedrosa, e inúmeros outros amigos. Suzaninha, nossa mascote de 13 anos, já estava dentro d'água se aquecendo. As travessias são sempre assim, um lugar de encontro de inúmeros amigos, todos unidos por um objetivo comum, nadar no mar.

Paulo Chocolate é um motivo de preocupação, pois ao invés de se hospedar na cidade, prefere sair de casa 5 horas da manhã e retornar após a travessia, talvez duas ou três horas da tarde.

- O shopping estava cheio e eu falei para o Sebastião parar numa vaga de idoso, mas ele se recusou – comentou rindo Paulo Brito.

- A minha esposa ficou mareada de viagem e está no hotel, não quis vir para a praia – comentou Jair.

- E o seu irmão? – perguntou Carlinhos, que tem uma lavanderia próximo ao local onde mora o meu irmão no Estácio.

Os amigos se reúnem, conversam, a maioria ganha alguma medalha na sua faixa de idade, e depois voltamos a nos encontrar na próxima travessia.

O meu desempenho na travessia não foi realmente dos melhores. Em Búzios a desculpa foi que eu tinha errado o percurso, mas dessa vez não teve desculpa. Embora tenha chegado em primeiro na minha faixa de idade, eu cheguei atrás de nadadores de outras faixas que normalmente chegam atrás de mim. Ao mesmo tempo que subia ao pódio para pegar a minha medalha, eu já pensava na cerveja que iríamos tomar em comemoração na piscina do hotel. E foi o que eu e Sandrinha fizemos.

Em tempo, a fritadeira foi também para a travessia mas ficou dentro do carro. À noite tivemos que enfrentar outra vez o restaurante do hotel. Sandrinha pediu uma sopa de batata baroa com gorgonzola.

- A sopa não está com uma cara muito boa – foi o que falou o garçon após fazer uma consulta a cozinha.

- Sugiro que a senhora escolha outro prato.

- Que tal então uma canja? – falou Sandrinha.

O garçom voltou para a cozinha e retornou dizendo que o cozinheiro tinha falado que a canja estava boa. Ou seja, embora todos os pratos constassem do cardápio, antes de serem liberados o garçom precisava fazer uma consulta na cozinha.

A canja também estava muito ruim. Ainda bem que a minha salada Caesar estava normal e dava para comer.

No dia seguinte eu, Sandrinha e a fritadeira retornamos para Niterói, já pensando em nunca mais voltar a Angra.



Figura 2 - Eu, no momento em que chegava da travessia já um pouco morto.

